



Participação Política



Centro de
Formação, Treinamento
e Aperfeiçoamento



CÂMARA DOS
DEPUTADOS



PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

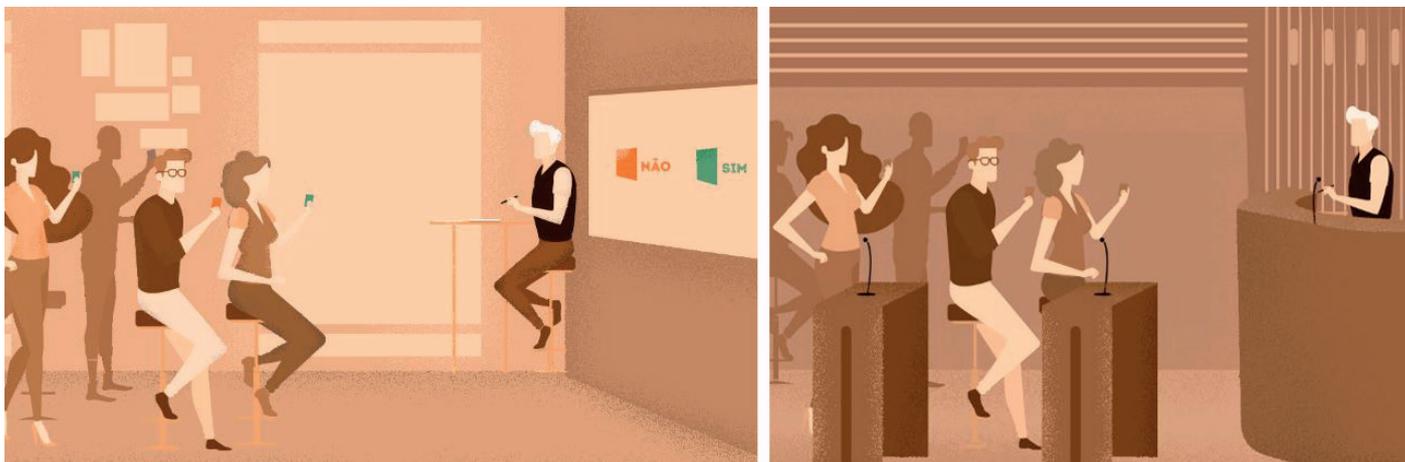
PARTICIPAR DA POLÍTICA VAI MUITO ALÉM DO VOTO.

DESDE A DÉCADA DE 1970, VÁRIOS CIENTISTAS POLÍTICOS VÊM APONTANDO QUE MAIS E MAIS COMPORTAMENTOS PODEM SER CONSIDERADOS PARTICIPAÇÃO POLÍTICA



QUESTIONE-SE

Quais são os principais desejos e sonhos que tenho para o meu país? E para a minha cidade? Meu bairro? E para minha escola? Como posso participar da construção de ideias e da tomada de decisão sobre as questões que considero importantes? Por que é importante acompanhar as decisões políticas? Pensar sobre cada uma dessas questões é uma forma – não a única – de começar a fazer parte da política.



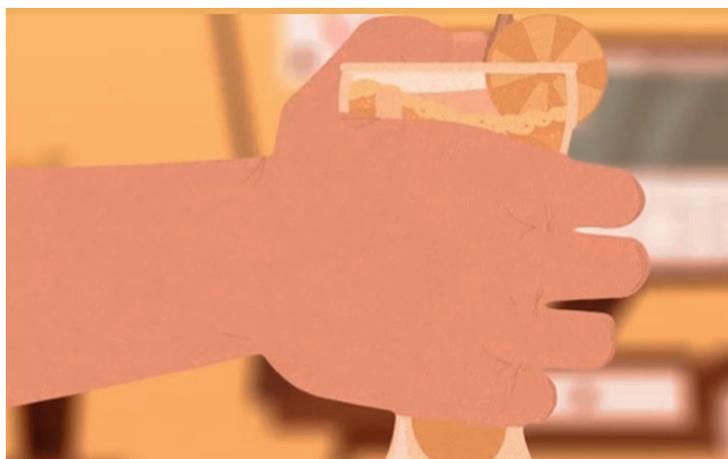
O CONDOMÍNIO

Comparecer às reuniões de condomínio ou de associações de moradores é uma forma de participar da política. Afinal, nessas reuniões são discutidas diversas questões que afetam a comunidade de moradores e decisões podem ser tomadas para melhorar a vida de todos. As reuniões de condomínio têm um funcionamento muito semelhante a um Parlamento: ouvem-se as partes interessadas, as pessoas debatem e depois decidem qual será a regra que valerá para todos. Ainda tem o registro em ata (igualzinho ao trabalho dos taquígrafos que registram as reuniões dos parlamentares) e as decisões são publicadas para que todos possam conhecer e acompanhar.



A COMUNIDADE

Você participa de reuniões de pais e professores na escola dos seus filhos, ou quem sabe das reuniões de onde você estuda? E das reuniões da igreja? Ou do sindicato que representa a sua classe? Todos esses ambientes se parecem com parlamentos. Pense em como essas reuniões influenciam a vida das pessoas ali presentes. Observe como o comportamento delas se assemelha ao de parlamentares. Elas defendem seus pontos de vista, discutem, esbravejam, cobram soluções, fazem as pazes... E quase sempre escrevem um relato da discussão, para que os demais saibam o que foi decidido.



O CONSUMO

Você participa da política quando se recusa a comprar um determinado produto porque não concorda com a forma como foi feito. Isso se chama “consumo politizado”. Algumas pessoas não compram produtos que agredem o meio ambiente. Compram, por exemplo, sabão de coco ao invés de detergente industrializado. Outras evitam produtos que fazem mal à saúde, trocando refrigerantes por sucos integrais. Outras, ainda, não compram roupas de certas marcas, porque são feitas com mão de obra escrava. Essas pessoas estão pressionando as empresas a tornarem seus produtos mais adequados ao meio ambiente, mais saudáveis e a remunerarem seus funcionários de forma justa. Sim, fazer escolhas conscientes de consumo e de descarte, pensando no bem coletivo e no meio ambiente, é uma forma de participar da política.



A CONVERSA

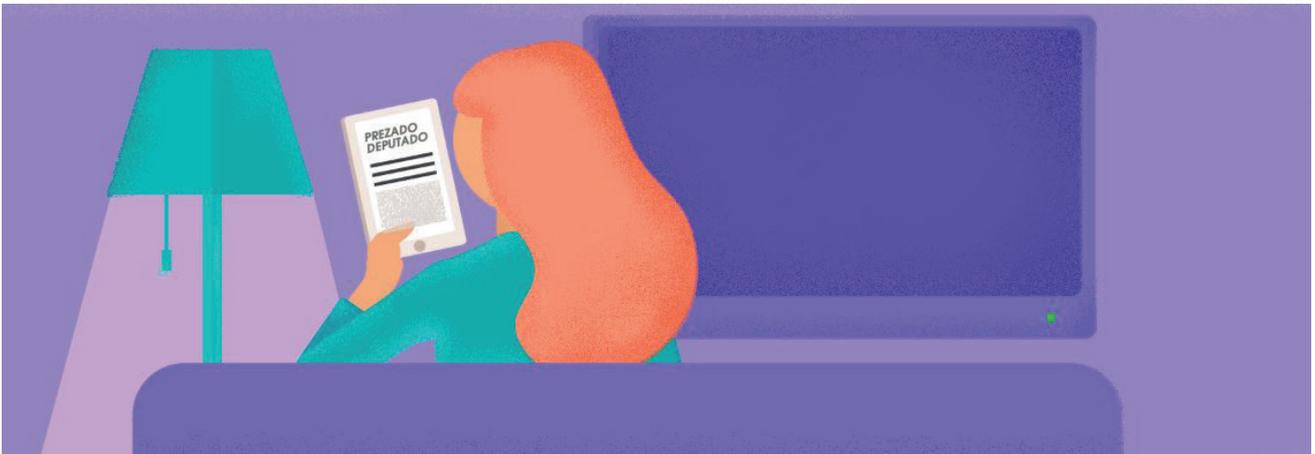
Você já pode estar participando da política e nem se deu conta! Conversar com outras pessoas sobre tudo que afeta a nossa sociedade também é participar! É uma grande oportunidade de desenvolver uma habilidade muito importante para o fortalecimento da nossa democracia: a de saber dialogar, argumentar e buscar consensos. Não se trata de “reclamar para as paredes”, mas sim de exercitar a capacidade de debater ideias – e respeitar opiniões diferentes. Além disso, pessoas que discutem política buscam estar mais atentas ao que os representantes estão fazendo.

Mas existem conversas e conversas. Diálogos democráticos não acontecem com facilidade todos os dias. O que é mais comum é ver pessoas buscando “vencer” um debate e apresentando opiniões pessoais como se fossem argumentos embasados em fatos, dados, pesquisas, informações. E isso tem nos dado a sensação de que já não conseguimos dialogar com ninguém que pensa diferente de nós. Mas afinal, o que é uma conversa democrática? Ouça o podcast para entender melhor a questão e conhecer algumas dicas valiosas. Aceita o desafio de tornar democrática a sua próxima conversa com amigos ou parentes?



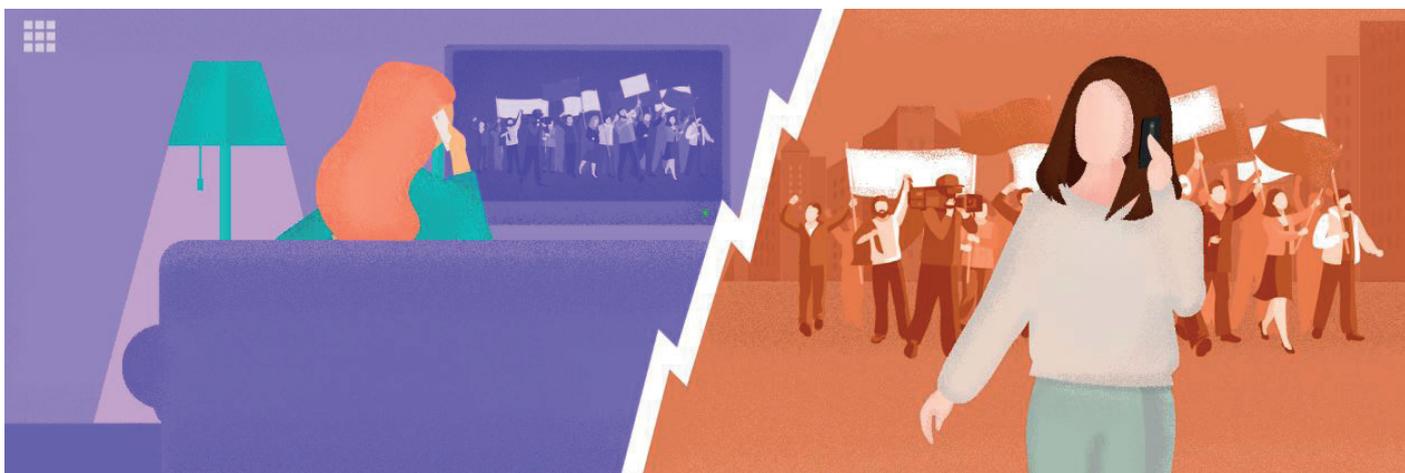
O VOTO

Se estamos falando de participação política, claro que temos que falar também de voto, que geralmente é a primeira coisa que pensamos quando se toca nesse tema. Na verdade, as eleições servem para escolher os representantes. Está ligada, portanto, ao exercício do poder por meio da representação. Os eleitores também podem usar seu poder de voto em plebiscitos e referendos para aprovar ou rejeitar uma proposição legislativa muito polêmica. Tivemos, por exemplo, o Referendo do Estatuto do Desarmamento em 2005, quando a maioria dos eleitores decidiu que o comércio de armas não deveria ser proibido no Brasil.



AS INSTITUIÇÕES

A participação política por meio do voto é a que costumamos lembrar com mais facilidade, assim como quando cobramos de um prefeito ou governador que cumpra uma promessa ou de um parlamentar que se posicione quanto a um projeto de lei. Mas existem outras formas de participar da política que não estão ligadas a uma pessoa específica. É o que acontece quando provocamos instituições públicas a agir, seja fazendo uma petição ao Poder Judiciário, uma denúncia ao Ministério Público ou ao Tribunal de Contas, ou, ainda, quando reunimos membros de uma associação para cobrar soluções da Prefeitura Municipal.



A AÇÃO

Psicólogos sociais e cientistas políticos vêm estudando o que leva pessoas atentas à política a se levantarem do sofá para agir. Alguns estudiosos afirmam que, no Brasil, pessoas que prestam atenção ao Parlamento “se levantam do sofá” quando seguem exemplos de amigos e parentes, ou quando querem servir de exemplo para eles. Logo, a melhor forma de ensinar uma pessoa a participar da política é ser um exemplo disso! É importante que as pessoas tenham exemplos inspiradores, pois assim se tornam mais aptas a agir. Além disso, é preciso agir com consciência e habilidade. Protestos violentos são facilmente desmoralizados, enquanto manifestações pacíficas e bem organizadas ganham uma força capaz de mudar os rumos de um país.



O ARGUMENTO

Na hora de discutir política – que é uma forma de participar dela – queremos ter bons argumentos. Como muitas vezes reproduzimos o que ouvimos nos jornais, na internet ou até de um amigo ou familiar, precisamos ficar atentos para não cairmos nas armadilhas de informações falsas ou descontextualizadas. São as famosas *fake news*, ou notícias falsas. Elas estão por todos os lados nessa era digital. Saber o que procurar, como procurar e entender os interesses por trás daquela informação são essenciais para não se tornar um replicador de falas, notícias e argumentos equivocados. Aquela notícia tem data? Quem escreveu? Onde estão outros textos dessa pessoa? Está claramente apoiando ou criticando alguém? Tem erros gritantes de ortografia? Desconfie, confira, pense sobre o que não foi dito!

CRÉDITOS

Direção de projeto

Alessandra Watanabe

Conteúdo

Thiago Carneiro, Alessandra Watanabe e Bruna Leite

Desenho educacional

Alessandra Watanabe e Bruna Leite

Revisão

Bruna Leite e Adriana Magalhães

Layout e ilustração

Rafael Oliveira, Aldo Faiad e Gabriel Breda

Desenvolvimento

Leonardo Stevanato e Ênio Junior

Diagramação

Rafael Oliveira

PODCAST

Participação

Alessandra Watanabe e Bruna Leite

Edição e pós-produção

Rodrigo Guimarães

INTÉRPRETE DE LIBRAS

Daniel Madureira e Érika Mandetta

Coordenação de Educação a Distância

Direção: Márcio Martins

Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados

Direção: Juliana Werneck